

DANIELA MIGUEL CRIVELLI

***EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Espaço de Conhecimento***

Campinas
1999





DANIELA MIGUEL CRIVELLI

***EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Espaço de Conhecimento***

Monografia de Graduação apresentada como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a orientação da Prof^a. Dr.^a Eliana Ayoub.

Campinas
1999

Dedicatória

Dedico este trabalho em especial aos meus pais, Gonzaga e Angelica pelo total apoio em todos os momentos da minha vida. Amo vocês... e devo tudo que tenho a vocês também.

Agradecimentos

À Deus por ter me presenteado com a vida e com a minha maior razão de viver: meu filho Gustavo.

Ao meu marido Fábio por compreender e respeitar mais esta etapa da minha vida. Te amo.

À Prof^a. Dr.^a Eliana Ayoub pela orientação, competência e sabedoria. Admiro muito você.

Entretanto, jamais poderia me esquecer da grande amiga “Nana”, que nesse período que convivemos juntas se mostrou um “porto seguro” nos meus momentos de desespero e insegurança.

Às amigas Luciana David, Lara Novais Cremonesi, Dani Dias Barros e Fernanda Ferro por todos os momentos que passamos juntas.
Estarei sempre com vocês.

A Todos que de alguma forma contribuíram para a construção de mais este trabalho.

Obrigada sempre.

RESUMO

As danças, as lutas, os jogos, os esportes, os exercícios ginásticos, assim como outras formas de atividades corporais, representam a produção humana historicamente construída e culturalmente determinada, portanto, dotada de sentidos e significados para o ser humano ao longo da história. Neste universo cultural, insere-se um conhecimento específico que trata da expressão corporal como linguagem, denominado de *cultura corporal* e é o objeto de estudo da área de Educação Física. Estudos recentes na área da Educação Física têm apontado os componentes da cultura corporal ou formas institucionalizadas de atividades corporais, como possíveis conteúdos das aulas de Educação Física, o que procuro defender neste estudo. Entretanto, dentre os conteúdos apontados: danças, lutas, jogos, esportes e ginásticas, a história nos conta ter sido primeiramente a ginástica e posteriormente o esporte a atividade hegemônica no interior da escola. Em geral, o esporte na escola trata das modalidades mais conhecidas de forma bastante elementar, e o seu ensino fica restrito à transmissão de técnicas determinadas ou na prática pela prática, desconsiderando a importância da construção do conhecimento por parte dos alunos e desperdiçando, assim, a abrangência do saber pertinente à Educação Física escolar. Defendo aqui, a abordagem de todos os conteúdos pertinentes a essa Educação Física escolar que visa transformar a aula num lugar onde todos possam aprender coisas.

Século XXI

Que não se fale mais em LIBERDADE
Que não haja mais crianças brincando nas ruas
Nem haja mais sorrisos nos rostos
Que não seja permitido andar sem rumo pelos caminhos
nem ficar à toa nas praças
Que não se fale mais sobre futebol,
nem política,
nem LIBERDADE
Que os homens não conversem nos bares
Que não se abracem
Que não se beijem
Que cada ser fique restrito ao seu mundo
E a alma cada vez mais presa em seu cárcere
Que não seja permitido voar nos sonhos,
ultrapassar fronteiras,
chegar às estrelas
Não haverá mais lutas por ideais
(o mundo esta cada vez mais rápido)
Não haverá tempo para olhar as flores
Como música, somente o TIC-TAC incessante dos
relógios
Atropelaremos o tempo... não viveremos
(sobrevivência! Para quem conseguir...)
Seremos seres em conserva
Homens enlatados
Cérebros produzidos em escala industrial
Atos robotizados
Sentimentos congelados
E não lembraremos mais o significado de LIBERDADE

(Cremonesi, 1994, p.107)

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS	10
2. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:	15
<i>Buscando seus Sentidos</i>	
2.1. <i>O Saber</i>	20
2.2. <i>O Ensinar</i>	24
3. ÚLTIMAS PALAVRAS	33
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

*“Não considere seus
alunos tolos”*

(Snyders, 1988, p.218).

PRIMEIRAS PALAVRAS

Mais que ser um trabalho de conclusão de curso, este estudo surge como necessidade de responder algumas indagações minhas a respeito daquilo que acredito fazer parte de uma Educação Física comprometida com a construção do conhecimento.

Pretendo com este trabalho refletir sobre a especificidade da Educação Física na instituição escolar, aprofundando o entendimento sobre o conhecimento específico que deve ser tratado nas aulas de Educação Física.

Assim, além de levantar alguns problemas encontrados no cotidiano dessa prática, pretendo pensar questões que permitam redimensionar a Educação Física, sobretudo para que essa aula torne-se um lugar onde todos, principalmente alunos e alunas, tenham a oportunidade de aprender coisas, “*coisas que não se sabe ou que, se sabe apenas na superfície*” (Soares, 1996, p.6).

Algumas vezes, penso que com os demais componentes curriculares os alunos têm a oportunidade de aprender coisas. Entretanto, pergunto-me se essas discussões a respeito da aula como

lugar para se aprender coisas também não ocorrem no âmbito dos demais componentes curriculares.

Mas uma coisa é certa: baixos salários, limitações materiais e a desvalorização da profissão não podem servir como entraves para o não cumprimento de fato das exigências da Educação Física na instituição escolar.

No decorrer dos anos em que participei das aulas de Educação Física escolar como aluna, deparei-me com diversas experiências. Uma delas foi a de ter um professor que entregava a bola a nós alunos, deixando-nos sozinhos com aquilo que já conhecíamos. Minha turma só praticava voleibol.

Vôlei era o que nós sabíamos jogar e o que eu mais gostava de fazer. No entanto, percebia que nem todos os meus colegas tinham o mesmo interesse e o mesmo envolvimento com o processo que se efetivava.

Como essa proposta de aula desenvolvida pelo meu professor não subsidiava uma reflexão crítica sobre esta prática, eu não fui capaz de entender a marginalização e a exclusão de inúmeros colegas desse processo.

Entretanto, o que mais me chama a atenção hoje, é o que era ensinado versus o que era avaliado. Como um professor “tem” todo o direito de “dar a bola” aos seus alunos e utilizar-se do Teste de Cooper¹ como forma de avaliar o que estes foram capazes de apreender no decorrer do bimestre?

Essa cobrança incoerente, mostra-nos a total desvinculação daquilo que é “ensinado” com aquilo que é “avaliado”. Torna-se visível que a burocratização da escola juntamente com a possível desqualificação do professor conseguem promover essa incompatibilidade apenas para justificar uma nota ao aluno. Chamo de burocratização da escola a exigência de uma nota ao final do bimestre simplesmente para constar na caderneta do professor. Uma nota atribuída desse modo não dá conta de avaliar o aluno ao longo do processo educativo.

A partir do que eu era capaz de compreender nesta época escolar, acredito que esta situação repercutiu em mim sem maiores consequências.

¹ Teste de Cooper ou Teste dos 12 minutos consiste em correr ou andar a distância máxima possível em condições físicas confortáveis (Cooper, 1972). Na escola esse teste era realizado da seguinte forma: em uma pista de atletismo (400 m), caminhando ou correndo, o aluno deveria completar 6 voltas em 12 minutos para conseguir conceito “A”; se completasse 5 voltas o conceito era “B”, sendo obrigatório completar 4 voltas para ser atribuído o conceito “C”.

Entretanto, tinha claro que o “saber jogar voleibol” diferenciava-me dos meus colegas, colocava-me numa posição privilegiada em relação a eles - eu participava de todas as aulas de Educação Física.

É notório que as modificações ocorridas com a Educação Física escolar no decorrer desses anos que se seguiram não foram de fato significativas. De acordo com os relatos dos meus colegas de estágio, a grande maioria dos professores de Educação Física escolar ainda persistem nesse modelo de aula de Educação Física descrito anteriormente.

Hoje, tomando como referência a minha formação acadêmica, algumas observações feitas na instituição escolar como estagiária e o resgate de minhas experiências escolares, acredito ser necessário refletir a respeito dos sentidos da Educação Física na escola.

“Talvez a escola pudesse (...) ser um lugar onde se vai para aprender coisas, coisas que não se sabe ou que, se sabe apenas na superfície. A escola então seria um morno oceano onde se mergulha para conhecer. Como não se chega vazio até ela, este mergulho não é cego... ele é parte de um impulso humano para aprender” (Soares, 1996, p.6)

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: *Buscando seus Sentidos*

Anos “perdidos” de conhecimento para aqueles que têm ou tiveram um professor ou professora enquadrado nas características mencionadas anteriormente. Aos alunos desse profissional, cabe primeiramente o aprimoramento daquilo que eles já sabem ou que mais gostam de fazer quando lhes é dado a bola, ou então, um questionamento ainda que “rudimentar” sobre o que tem realmente a Educação Física escolar a ensinar, uma vez que estes não têm claro que conhecimento deve ser tratado nessas aulas.

De acordo com o que se tem observado principalmente nas escolas, e em estudos acadêmicos na área, é nítido que o esporte tem sido o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física. Como apenas o esporte é desenvolvido, e o que é mais grave, na maioria das escolas ele é somente praticado e ainda de forma precária, os alunos acabam sendo induzidos a incorporarem um entendimento de que a Educação Física é sinônimo de Esporte.

Nesse quadro, a aula torna-se o espaço para se aprender habilidades motoras de modalidades esportivas. Em geral, as modalidades selecionadas são as mais conhecidas e que temos acesso pelos mídias, como o futebol, o voleibol e o basquetebol, o que também colabora para reforçar a confusão dos termos Educação Física e Esporte.

Nós, profissionais da área de Educação Física escolar, devemos ser taxativos para que a aula não seja o lugar onde os alunos que dominam técnicas de um determinado esporte vão para praticar aquilo que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar (Soares, 1996, p.11).

Parece-me que o pronto atendimento daquilo que os alunos desejam está em primeiro plano, pois é mais fácil atendê-lo, mais cômodo. Não devemos ser complacentes com esse fato, temos sempre de lembrar que o *“desejo também é construído socialmente... gosta-se, em princípio, do que se conhece. Rejeita-se, em princípio o desconhecido, o difícil, o elaborado”* (Soares, 1996, p.6).

Talvez então, o tratamento esportivo com essas características não inerentes à instituição escolar, possa e deva ser o espaço das escolinhas de esportes e/ou dos clubes, uma vez que estão comprometidos com a formação de atletas.

Nessa perspectiva, somente os movimentos estereotipados e os alunos mais habilidosos são valorizados. O Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991) faz uma crítica sobre os movimentos estereotipados vindos do esporte, por fazerem dos alunos meros repetidores de movimentos sem contido, oportunizar-lhes a criação e a exploração de novas formas de movimentos, novas formas de expressar-se corporalmente. Confirma-se mais uma vez que o esporte não deve ser reproduzido *na* escola como alto rendimento. O tratamento do esporte *da* escola é aquele com objetivos pedagógicos, que dê subsídios para os alunos o compreenderem como algo historicamente construído e socialmente regulamentado.

Esse Grupo ainda trata do esporte sob cinco dimensões: o esporte como sendo algo socialmente regulamentado, algo a ser aprendido, algo a ser assistido, algo a ser refletido e algo a ser modificado, que podem/devem ser transportados para o seu cotidiano, facilitando assim, as ações que ultrapassam a vida escolar.

A respeito da seleção de um esporte para ser trabalhado como conteúdo de ensino durante todo o ano letivo, que é uma questão extremamente relevante, Soares (1996, p.11) explicita:

“Outro aspecto que precisa ser considerado é aquele que diz respeito a ‘escolha’ do conteúdo por parte do aluno. O aluno ‘escolhe’ Vôlei e passa sete anos na escola ‘jogando’ Vôlei. Ou então o professor ‘escolhe’ Handebol e o aluno passa anos ‘jogando’ Handebol. Imaginemos o professor de Língua Portuguesa, por exemplo ‘escolher’ ‘análise sintática’ e trabalhar somente com análise sintática, ou o aluno ‘escolher’ ‘redação’. Se estamos na escola, devemos dar um tratamento escolar ao conteúdo e, sobretudo dar lugar a abrangência que ele possa ter”.

Porque a Educação Física continua se enquadrando nesses moldes?

Se pensarmos no conhecimento que deveria ter o professor de Educação Física, as aulas seriam realmente aulas comprometidas com o saber. Todavia, o que se pode notar é o inverso. Muito pouco ou quase nada é ensinado nas aulas de Educação Física escolar.

É fundamental termos bem claro que nem toda a nossa formação acadêmica vai ser transformada em conhecimento a ser ensinado aos alunos em nossas aulas. Entretanto, há sim o que ser

ensinado e para que isso ocorra é preciso que tenhamos domínio sobre esse conhecimento.

Mas qual seria então esse conhecimento?

O Saber

Ao longo da história, o homem foi construindo relações com o mundo através de linguagens criando assim um universo de conhecimentos. Neste universo de conhecimentos construídos culturalmente insere-se um conhecimento específico que trata da expressão corporal como linguagem. Esse conhecimento é denominado de *cultura corporal* e é o objeto de estudo da área de Educação Física.

Entretanto, esse conhecimento denominado cultura corporal, também tem sido chamado de cultura física ou cultura de movimento. Embora estes termos não sejam sinônimos e sejam utilizados por autores diferentes, com embasamento teóricos distintos, todos estão de comum acordo quando consideram ser uma dimensão da cultura humana que engloba as atividades corporais construídas e desenvolvidas histórica e socialmente, embuídas de sentidos e significados próprios. Considero relevante citá-los, pelas semelhanças que guardam entre si.

Sob essa ótica, tornam-se conteúdos da Educação Física escolar, as práticas corporais contextualizadas historicamente agrupadas

sob a denominação de cultura corporal, que compreende os jogos, o esporte, a dança, as lutas, a ginástica e outros “*que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidade vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas*” (Coletivo de Autores, 1992, p.38).

No que se refere à visão de historicidade dos conteúdos da cultura corporal, é preciso que o aluno desenvolva essa noção a fim de compreender

“(…) que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, com respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas” (Coletivo de Autores, 1992, p. 39).

Devemos criar condições para que nossos alunos compreendam que “*a produção humana é histórica, inesgotável e provisória*” (Coletivo de Autores 1992, p.40), que desta forma, pode-se produzir novas formas de atividades corporais, direcionando-as para novos caminhos e, ainda, modificando as já institucionalizadas.

O Coletivo de Autores (1992) faz ainda uma abordagem referente às habilidades motoras, considerando a aprendizagem das habilidades motoras como consequência do conhecimento dos conteúdos da área e não como seu objetivo.

Uma Educação Física que instrumentaliza os conteúdos para estes servirem como meio para o desenvolvimento das habilidades motoras traduz esse conhecimento “*num saber fazer, num realizar corporal*” (Bracht, 1996, p. 25). Por outro lado, uma Educação Física na perspectiva da cultura corporal encerra o conhecimento além das formas de um realizar corporal, mas também “*(...) um saber sobre este realizar corporal*” (Bracht, 1996, p.25).

Soares (1995, p.134) aponta uma das marcas que nos diferenciam dos demais profissionais área da Educação:

“O profissional da educação física trabalha com uma atividade que se diferencia de outras atividades humanas uma vez que, para esse profissional, a vivência do conhecimento é fator determinante do aprendizado e da própria elaboração cognoscitiva daquele conhecimento tratado”.

Se por ventura prevalecerem as habilidades motoras como objetivo das aulas de Educação Física continuaremos ministrando aquelas mesmas aulas que criticamos até então. O objetivo da Educação Física vai além, como já foi visto. Essa área busca desenvolver uma reflexão sobre o conhecimento produzido pelo homem dentro do universo da chamada cultura corporal.

O Ensinar

Quando nos debruçamos na compreensão do ensino da Educação Física na escola, observamos que muitas vezes o professor restringe o ensino ao que ele “sabe” ou ao esporte que ele sempre praticou, esquecendo-se da diversidade dos conhecimentos que compõem os chamados temas da cultura corporal.

Retorno aqui à discussão feita anteriormente referente ao esporte como sendo conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física. Valorosas contribuições têm sido dadas no sentido de esclarecer melhor e deslocar nossos olhares para outros temas da cultura corporal.

É de se concordar com o desenvolvimento do esporte nas aulas visto as contribuições para o enriquecimento do saber do aluno. Não se trata aqui de excluí-lo. O que teimamos em questionar é a forma como é abordado e o espaço que lhe é destinado em detrimento de outros conteúdos pertinentes à Educação Física escolar.

Para Soares (1995, p.138)

“É preciso ter a coragem, se essa for a opção profissional, de ser

profissional da educação física e *saber mais, muito mais* sobre seus temas como a ginástica, os jogos, o esporte, as lutas, a dança, especialmente saber mais que a mídia e romper com as linguagens simplificadas da chamada cultura de massa acerca das atividades corporais” (grifo meu).

Para que o professor assuma de fato o seu papel de ensinar comprometido com a construção do conhecimento, é necessário gerar condições para que o aluno entenda que ele também faz parte do processo de ensino.

“Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos” (Freire, 1997, p.25).

Uma educação nesses moldes, encara o ensinar como uma forma de transmissão de sentido que só visa a recepção passiva de

conhecimento e seu respectivo depósito. Os alunos são transformados em vasilhames, em recipientes a serem preenchidos pelo educador.

Sob essa ótica, a escola acaba por não desenvolver a reflexão do aluno e o senso crítico deste não é estimulado. Se a relação de ensino continuar a perdurar por estes moldes que encaram o aluno como mero espectador e o professor preocupa-se apenas em transferir seu conhecimento ao aluno, a escola terá em geral, uma relação quase que de mão única, do professor para o aluno.

“É preciso que, pelo contrário que desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado” (Freire 1997, p.25).

Visto isso, devemos ter claro que nossos alunos não vêm vazios para a escola, eles trazem consigo marcas da cultura de seu povo estampadas em seus corpos. Considerando o que eles trazem consigo

para a escola, torna-se pertinente produzir com nossos alunos e alunas novos conhecimentos.

Desta forma, é notável estarmos sempre respeitando e desafiando a inteligência de nossos alunos, pois *“a inteligência dos alunos não é um vaso que se tem de encher; mas é uma fogueira que é preciso manter acesa”* (Plutarco apud Soares, 1996, p.6).

Snyders (1988), afirma que a escola deve romper com a cultura primeira, ou seja, aquela cultura trazida pelo aluno, para a partir daí tratar de saberes, saberes estes mais elaborados que eles não conseguiriam atingir sem a escola.

“Na medida em que o cultural elaborado está em ruptura com a cultura imediata, a escola é difícil; os alunos não poderiam obter sucesso por suas próprias forças: é preciso para isso a obrigação, a orientação, a intervenção do professor” (Snyders, 1988, p.211).

De acordo com Saviani (1986), viver mergulhado na cultura de massa é estar acomodado à espera de respostas prontas, é estar anestesiado e não conseguir enxergar novas possibilidades.

Portanto reafirmo que se faz necessário que o conhecimento seja tratado de forma que o aluno tenha uma visão da historicidade dos acontecimentos para que ele tenha “(...) a compreensão que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória” (Coletivo de Autores, 1992, p.40).

Se pensarmos numa aula de Educação Física escolar, em que o professor “joga a bola” e os alunos é que tem de decidir o que fazer na aula, estaríamos de fato impedindo/impossibilitando que nossos alunos e alunas tenham a chance de construir novos conhecimentos.

“O que confirma a necessidade da aula ser de fato, um lugar de aprender coisas e não apenas o lugar onde aqueles que dominam técnicas rudimentares de um determinado esporte vão ‘praticar’ o que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar” (Soares, 1996, p.11).

Assim, a aula deve constitui-se como espaço de construção de conhecimento favorecido pela diversidade dos conteúdos traduzidos na cultura corporal, em que as danças, as lutas, os jogos, os esportes e as ginásticas encaixam-se como conteúdos específicos, merecendo todos a

mesma atenção especial para que sejam trabalhados da melhor forma possível.

Entretanto, o trato com o conhecimento supõe alguns princípios curriculares, como os levantados pelo Coletivo de Autores (1992, p.30-34). Esses princípios têm a intenção de eleger e sistematizar aquilo que é pertinente como conteúdo de ensino nas aulas.

De ante mão, faz-se necessário identificar a *“relevância social do conteúdo”*, dando sentido e significado para a reflexão pedagógica e para a realidade social concreta do aluno. A importância está na interação do saber escolar com a vida cotidiana do aluno.

Esse princípio tem relação direta com o da *“contemporaneidade do conteúdo”*, que assegura ao aluno o saber do que existe de mais moderno na sociedade contemporânea sem abandonar o clássico, que não deve ser confundido com o tradicional, muito menos entendido como o contrário de moderno ou atual. O clássico pode-se assim dizer, nada mais é do que o fundamental *“jamais perdem a sua contemporaneidade”* (Coletivo de Autores, 1992, p. 31).

O princípio de *“adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno”* deve ser levado em consideração pois, sugere a conciliação do conhecimento com a capacidade cognitiva do aluno, sem o

qual torna-se sem sentido a construção do conhecimento por parte do aluno, no sentido de constatar um dado da realidade, compreendê-lo, interpretá-lo e explicá-lo.

Em relação à organização metodológica dos conteúdos de ensino, destaca-se o princípio do *“confronto de saberes”*, no qual ocorre a contraposição do saber popular com o saber escolar que é a forma mais científica de conhecimento. Deve-se com esse princípio estimular continuamente o aluno a ultrapassar o senso comum, de modo a construir uma reflexão mais elaborada.

Para que haja uma lógica nesse confronto, ressalta-se o princípio da *“simultaneidade dos conteúdos como dados da realidade”*, contrapondo-se à forma como os conteúdos são geralmente apresentados, série a série, com aumento aparente do grau de complexidade, promovendo uma visão fragmentada da realidade, os quais ficam desprovidos de sentido se entendidos isoladamente.

Outro princípio é o da *“espiralidade da incorporação das referências do pensamento”* que vem romper com a linearidade com que é tratado o conhecimento na escola. Compreende-se *“(…) as diferentes formas de organizar as referências do pensamento sobre o conhecimento para ampliá-las”* (Coletivo de Autores, 1992, p. 33). O

saber anterior não é descartado, mas sim superado/avançado com o novo.

Por fim, deve-se levar em conta o princípio da *“provisoriedade do conhecimento”*, que vem reforçar a relevância do resgate da historicidade do conteúdo. Com esse princípio o aluno é capaz de projetar-se e perceber-se como sujeito que constrói e é construído pela história, a qual está sempre sendo reinterpretada de forma diferenciada em cada época, por cada grupo social.

E a escola, independentemente da corrente pedagógica que norteia cada instituição escolar e do componente curricular que queira ser discutido, é o espaço, por excelência, do conhecimento, da construção do saber, um saber sistematizado, devidamente organizado, com relevância social, que instigue o aluno a aprender. Afinal, é *“papel da escola, da metodologia de ensino, do planejamento: organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo... produzir desafios com este desconhecido (...)”* (Soares, 1996, p.6).

Estes foram os SENTIDOS encontrados nesse processo de reflexão a respeito da Educação Física Escolar como Espaço de Conhecimento.

“Pensar certo - e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo - é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos” (Freire, 1997, p.54).

ÚLTIMAS PALAVRAS

Dúvidas e perguntas surgiram ao longo de toda minha graduação e principalmente neste último ano, em que estamos prestes a nos formar, os questionamentos acentuaram-se.

Tantas são as coisas que aprendemos na nossa vida acadêmica que acabamos por perceber que em alguns momentos nos vemos ancorados no meio de um “oceano” de informações que chegamos, muitas vezes, a não ter muito claro aquilo que devemos ensinar aos nossos alunos em nossas aulas de Educação Física.

Esse sentimento de insegurança sobre aquilo que você sabe versus aquilo que deve ser trabalhado em aula, ou seja, partindo do pressuposto de que você sabe inúmeras coisas mas ao mesmo tempo não consegue ter bem claro aquilo que é específico da sua área e que deve ser ensinado na escola, acaba por gerar discussões e inúmeros pontos de vista nos foram apresentados, não só por professores mas também por colegas que se vêem na mesma situação conflitante.

Entretanto, posso afirmar que essas dúvidas já não existem mais ou não existem com a mesma intensidade do início deste trabalho,

uma vez que esta reflexão a respeito da aula de Educação Física escolar como espaço de conhecimento e o estágio feito na escola, proporcionaram vivências/descobertas que viabilizaram um maior entendimento sobre a nossa atuação pedagógica.

Ter bem claro aquilo que é de domínio específico da Educação Física, o que caracteriza-se como a arte de ensinar, tendo em vista uma aula comprometida com a construção do conhecimento, são questões fundamentais que me permitiram redimensionar a Educação Física escolar, sobretudo para que a aula torne-se um lugar onde todos, principalmente alunos e alunas, tenham a oportunidade de aprender coisas.

Assim, faz-se necessário que esse entendimento da Educação Física como área de conhecimento dotada de conteúdos mais abrangentes do que aquele atualmente desenvolvido, extrapole os limites do meio acadêmico alcançando os profissionais que atuam diretamente nas escolas.

Considerando as limitações deste trabalho, espero poder colaborar com aqueles que se encontram indecisos/conflitantes como eu estava no início deste trabalho, bem como com aqueles que buscam

esclarecer algumas questões sobre o atuar de maneira mais significativa na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRACHT, Valter. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: supl.2, p.23-28, 1996.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- COOPER, K. *Capacidade Aeróbica*. Rio de Janeiro: Forum Editora, 1972.
- CREMONESI, L. N. Século XXI. *Presença Poética: Antologia de poemas de alunos, pais, funcionários e professores do Colégio e Curso Anglo*. vol. 4. Campinas, São Paulo: Moara, 1994.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. *Visão didática da Educação Física: análises, críticas e exemplos práticos de aula*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. 12. ed. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1986.

SNYDERS, George. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, Carmen L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo: supl.2, p. 6-12. 1996.

..... Sobre a Formação do Profissional em Educação Física: Algumas Anotações. In: DE MARCO, Ademir (Org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus, 1995. p. 133-138.